

OS SENTIDOS DE SER JOVEM COM DEFICIÊNCIA VISUAL

The senses of being young with visual impairment

Deborah Buckley¹

Resumo: Este artigo discute a necessidade de mais pesquisas sobre a juventude com deficiência visual. A falta de estudos sobre este grupo específico é notável. Tem por objetivo refletir, a partir de achados na literatura, sobre a realidade da juventude com deficiência visual sob o ponto de vista de várias questões da vida diária e como constroem e/ou visualizam seus projetos futuros. Este estudo descreve uma pesquisa qualitativa baseada em revisão bibliográfica sobre jovens com deficiência visual. Foram utilizadas cinco bases de dados para a realização da pesquisa e encontrados cinco textos relevantes para comporem o referencial teórico deste artigo. A pesquisa analisou a literatura existente para refletir sobre a vida desses jovens e a importância do tema para a educação democrática. As categorias de análise incluíram: o que a pesquisa diz sobre jovens com deficiência visual; como eles constroem suas identidades; como interagem; quais as oportunidades educacionais disponíveis; e quais são seus sonhos e projetos. Como resultados, o artigo revela as dificuldades enfrentadas por jovens com deficiência visual na construção de sua identidade, comparativamente aos jovens sem deficiência. A aceitação da deficiência e a independência da família são pontos cruciais, assim como a busca por pertencimento e a superação do isolamento e solidão. A questão da sexualidade também é abordada, destacando as dificuldades em encontrar parceiros e a tendência de relacionamentos com pessoas que compartilham a mesma condição. Portanto, o artigo enfatiza a persistência da exclusão social e a necessidade de maior inclusão e respeito às diferenças. Como conclusão, o texto argumenta que o tema da juventude com deficiência visual carece de mais pesquisas. A escassez de literatura sobre o assunto destaca a necessidade de mais estudos, reconhecendo que as experiências de jovens com deficiência visual diferem daquelas de jovens com outros tipos de deficiência. Para uma sociedade inclusiva, é crucial dar voz a todos os grupos de jovens com deficiência.

Palavras-chave: jovens; deficiência visual; identidade; oportunidades educacionais; projeto de vida.

Abstract. This article discusses the need for more research on visually impaired youth. The lack of studies on this specific group is notable. Its objective is to reflect, based on findings in the literature, on the reality of visually impaired youth from the point of view of various issues of daily life and how they construct and/or visualize their future projects. This study describes a qualitative research based on a bibliographic review on young people with visual impairment. Five databases were used to carry out the research and five relevant texts were found to compose the theoretical framework of this article. The research analyzed existing literature to reflect on the lives of these young people and the importance of the topic for democratic education. The categories

¹ Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica pelo IFB. E-mail: deborahbuckley86@gmail.com

of analysis included: what research says about young people with visual impairments; how they construct their identities; how they interact; what educational opportunities are available; and what are your dreams and projects. As a result, the article reveals the difficulties faced by young people with visual impairment in constructing their identity, compared to young people without disabilities. Acceptance of disability and independence from family are crucial points, as is the search for belonging and overcoming isolation and loneliness. The issue of sexuality is also addressed, highlighting the difficulties in finding partners and the tendency to form relationships with people who share the same condition. Therefore, the article emphasizes the persistence of social exclusion and the need for greater inclusion and respect for differences. In conclusion, the text argues that the topic of visually impaired youth requires further research. The scarcity of literature on the subject highlights the need for further studies, recognizing that the experiences of young people with visual impairment differ from those of young people with other types of impairment. For an inclusive society, it is crucial to give a voice to all groups of young people with disabilities.

Keywords: young people; visual impairment; identity; educational opportunities; life project.

1. Introdução

Inúmeros estudos sobre as mais diversas juventudes vem sendo realizados: sobre *funkeiros* e *rappers* (Dayrell, 2003); sobre garotos e garotas que transitam em Porto Alegre (RS) para compreender suas práticas culturais de escuta relativas a dispositivos portáteis de comunicação, e de seus pertencimentos a múltiplas redes de sociabilidade (Quadros, 2013); sobre juventude indígena (Santos; Gonçalves, 2017); jovens que residem no meio urbano e rural do Ceará (Furlani; Bomfim, 2010); jovens que se envolvem em atividades políticas e de gestão (Guimarães, s/d), dentre outros grupos de jovens. A juventude com deficiência também é um grupo que merece ser estudado e discutido. Este artigo propõe a discussão a respeito da juventude com deficiência visual e, a partir dessa análise, assuntos relevantes e importantes poderão surgir a fim de enriquecer vários campos de estudo.

Este artigo foi produzido a partir de estudos realizados no componente curricular eletivo Juventude, Trabalho e Escola, ministrado pelos Professores Dr. Josimar de Aparecido Vieira e Dr^a. Ana Sara Castaman, do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), e oferecido no curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica que pertence ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Tem por objetivo refletir, a partir de achados na literatura, sobre a realidade da juventude com deficiência visual sob o ponto de vista de várias questões da vida diária e como constroem e/ou visualizam seus projetos futuros. Diversas são as razões que justificam a emergência do tema.

Um fator influenciador na escolha do tema da juventude com deficiência visual refere-se à própria vivência da autora deste artigo, enquanto pessoa com deficiência visual, pois possui 40% de acuidade visual no olho direito, 33% no olho esquerdo, e a somatória do campo visual é abaixo de 60 graus, graças à atrofia do nervo óptico que possui desde os seis meses de idade. Portanto, sabe por experiência própria como é ser jovem com deficiência visual. Outra razão para a escolha deste tema foi o fato de, em

suas leituras durante a realização da disciplina Juventude, Trabalho e Escola, cursada no mestrado, não ter percebido o tema da juventude com deficiência sendo discutido. É importante a sociedade conhecer as vivências, experiências e necessidades de pessoas com as mais diversas e específicas deficiências para que possam ser melhor atendidas. Afinal, não é a pessoa com deficiência que deve se adaptar à sociedade e sim a sociedade que deve se adaptar às necessidades das pessoas com deficiência. Outra razão para a escolha desta temática é o fato de este artigo ser um desdobramento da pesquisa em nível de mestrado profissional em curso pela autora. Portanto este trabalho poderá contribuir para ampliar o conhecimento e a compreensão sobre as vivências e desafios enfrentados por jovens com deficiência visual.

As ideias deste trabalho serão apresentadas em seções que abordarão diferentes aspectos. Primeiramente será apresentado o que dizem as pesquisas sobre a(s) juventude(s) com deficiência visual. Depois serão abordados a questão da identidade desse grupo de pessoas, a interação social, as oportunidades educacionais, e seus sonhos e projetos futuros. Em seguida será apresentado o método utilizado neste artigo. Por fim serão mencionados os resultados e discussão, com as conclusões principais a respeito da juventude com deficiência visual.

Este estudo aborda uma pesquisa qualitativa baseada em revisão bibliográfica sobre jovens com deficiência visual. Foram pesquisados em diversas bases de dados e cinco textos que falam a respeito da juventude com deficiência visual foram selecionados. A pesquisa analisou a literatura existente para refletir sobre a vida desses jovens e a importância do tema para a educação democrática.

2. O que dizem as pesquisas sobre a(s) juventude(s) com deficiência visual

Antes de começar a desenvolver sobre o tema propriamente dito, é importante citar as definições de juventude(s) para alguns autores estudiosos sobre o assunto. Para Dayrell (2003) jovens são seres humanos que amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito de suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se, possuem desejos e propostas de melhoria de vida. Concordo com Dayrell e digo que todos os jovens, tenham a realidade e a deficiência que tiverem, possuem essas características mencionadas. O autor acredita que é nesse processo que cada um dos jovens vai se construindo e sendo construído como sujeito: um ser singular que se apropria do social, transformando em representações, aspirações e práticas, que interpreta e dá sentido ao seu mundo e às relações que mantém.

E para Prates e Garbin (2014) a juventude não é apenas uma palavra que distingue determinados sujeitos dos velhos, das crianças e dos adultos. Não se restringe a uma definição marcada pelo desenvolvimento biológico ou pela maturação psicológica, pode ser pensada como uma idealização de sujeito construído na modernidade. A juventude é mais que uma palavra, é uma condição, relacionada à construção histórica, econômica, social e cultural em que se imbricam uma série de aspectos como idade, geração, classes sociais, instituições, gênero.

“[...] Cada grupo juvenil possui, assim, marcas visíveis que o caracteriza e unifica,

mas que o diferencia de outras marcas identitárias juvenis” (Martins; Carrano, 2011, p. 47). Considerando o fato de que a juventude não é uma fase única, com experiências homogêneas, mas que depende de construções históricas, econômicas, sociais, culturais, é mais adequado falar em juventudes, no plural, já que se dá de diferentes formas para os diversos sujeitos, mesmo que estes pertençam a um mesmo grupo. Neste caso, nos referimos ao grupo das pessoas com deficiência visual. As experiências de cada indivíduo se dão conforme as condições sociais disponíveis, e também influenciadas pelas especificidades de cada pessoa.

As pesquisas realizadas por Amiralian (2011); Lima e Fernandes (2012) e Pereira (2018) apontam diversos aspectos da realidade de jovens com deficiência visual. Cabe a este artigo discutir sobre os sentidos de ser jovem com deficiência visual a partir dessas considerações.

Para Pereira (2018), a juventude e as pessoas com deficiência visual têm características próprias de perceberem e interagirem com o mundo ao seu redor, mesmo sem o uso da visão. As pessoas sem deficiência não vivenciam as mesmas experiências, o que pode levar a atitudes capacitistas contra quem tem deficiência visual. Saber lidar com o preconceito e com o capacitismo é uma realidade que essas pessoas deparam todos os dias. Santos e Rodrigues (2023) conceituam o capacitismo de forma simples de se compreender:

Em um breve conceito, o capacitismo pode ser compreendido, portanto, como qualquer forma de preconceito ou discriminação contra a Pessoa com Deficiência, que oprime sua capacidade de realizar atividades de forma autônoma e independente em razão de sua deficiência (Santos; Rodrigues, 2023, p.116).

Os autores, dessa forma, esclarecem para o fato de que o capacitismo é qualquer discriminação sofrida por uma pessoa em razão de sua deficiência, ao se afirmar que ter deficiência é impedimento para alguém ter autonomia e independência. Portanto, quando alguém afirma que uma pessoa com deficiência visual, por exemplo, é incapaz de realizar atividades simples ou mesmo complexas em razão da sua condição, tal atitude é capacitista porque sugere que existe um afastamento da aptidão por causa da deficiência. Esta limitação acaba se tornando maior do que a própria pessoa que a possui.

É importante destacar que, apesar de os termos “independência” e “autonomia” serem considerados sinônimos por grande parte dos dicionários convencionais, para as pessoas com deficiência possuem significados distintos. A independência está relacionada à tomada de decisões sem a influência de outras pessoas, seja família ou profissionais especializados. E autonomia se refere ao domínio que as pessoas com deficiência exercem no ambiente físico e social. O conceito de empoderamento, para se referir às pessoas com deficiência, compreende a capacidade de os indivíduos exercerem a sua independência e sua autonomia. Significa, para essas pessoas, poder fazer escolhas e tomar decisões, além de usar suas funcionalidades com mínima ou nenhuma ajuda de outras pessoas e/ou tecnologias (Freitas *et al*, 2023).

3. Como os jovens com deficiência visual constroem suas identidades?

A definição da identidade e os desafios enfrentados por adolescentes com deficiência visual são complexos. Eles precisam lidar com a aceitação de sua condição física, a independência da família e a busca por pertencimento. A questão da identidade é agravada pela necessidade de se aceitarem em um mundo predominantemente composto por pessoas videntes. Além disso, a busca por identificação e pertencimento pode gerar sentimentos de isolamento e solidão (Amiralian, 2011).

Partindo dessas colocações da autora, posso dizer que ser adolescente e jovem com deficiência visual é um grande desafio. Nesta fase as pessoas estão descobrindo formas de serem mais autônomas e independentes. Não é fácil lidar com a realidade de que você sempre vai depender de alguma ajuda, seja de pessoas ou de tecnologias, para realizar atividades às vezes simples para quem não tem deficiência, como atravessar uma rua ou fazer compras. Alguns jovens conseguem lidar bem com essa realidade e outros não.

A sexualidade também é um aspecto desafiador nessa fase, muitas vezes vivenciado de forma inibida e fantasiosa. A escolha de parceiros também com deficiência visual ocorre com muita frequência e pode refletir a busca por aceitação mútua. A superação desses desafios exige apoio, compreensão e inclusão social (Amiralian, 2011).

Pereira (2018) também menciona em sua pesquisa exemplos importantes de como os jovens com deficiência visual expressam e constroem sua identidade. O primeiro exemplo se relaciona com a vaidade e com o “gostar de moda”, pois é possível para as jovens com deficiência visual serem vaidosas, como a maioria das jovens o são. A deficiência visual não é impedimento para o desenvolvimento desse traço da personalidade, se as condições se mostrarem favoráveis. Outro exemplo interessante apresentado nesta pesquisa foi a maneira que os jovens com deficiência têm de se expressarem através da música (seja cantando ou tocando instrumentos) ou por outro talento que possuam. Além disso, o desenvolvimento e valorização da independência através de uma forma “própria”, como por exemplo, desenvolver um jeito para “entender de dinheiro” também apareceu na pesquisa da autora mencionada.

4. Como os jovens com deficiência visual interagem entre si e com outras pessoas e/ou grupos?

Nesta seção serão apresentadas as diferentes maneiras de os jovens com deficiência visual interagirem entre si. Relacionado a essa temática da interação, Pereira (2018) menciona em sua pesquisa exemplos interessantes. Um local importante de socialização bem presente nas falas dos jovens entrevistados pela autora foi a escola. Na opinião deles, ser jovem com deficiência visual significa ser algo praticamente normal. Eles saem, se divertem, possuem amigos, tendo horas mais difíceis e outras mais fáceis devido às limitações que possuem. Alguns consideram essa situação de ser jovem difícil devido ao preconceito que sofrem, falta de sensibilidade, dificuldade em aceitar a própria deficiência e por enfrentarem situações que inferiorizam. Alguns jovens

preferem ficar mais em casa, enquanto outros saem para fazer cursos, se encontrar com amigos, passear no shopping e participar de banda musical. Eles gostam de plataformas virtuais, ir à igreja, estar com a família, escutar música, jogar futebol e praticar outros esportes, tocar violão, cantar, ler, entre outras atividades.

Algumas falas e opiniões dos jovens entrevistados por Pereira (2018) merecem um comentário. Quando foi dito que um local importante de socialização bem presente nas falas foi a escola, e mais adiante a pesquisa menciona o fato de que alguns jovens preferem ficar mais em casa, provavelmente essas pessoas mais caseiras possuem como única oportunidade de socialização a escola. Considero a escola como um lugar importante para socializar, e obviamente para adquirir a educação formal.

Outra fala interessante de ser comentada é referente ao fato de alguns considerarem a situação de ser jovem com deficiência difícil devido ao preconceito que sofrem, falta de sensibilidade, dificuldade em aceitar a própria deficiência e por enfrentarem situações que inferiorizam. Muitos adolescentes e jovens (tanto os que possuem deficiência quanto os que não possuem), inclusive seus pais ou responsáveis, acreditam que essa fase é muito difícil. E é mesmo, pois, como aponta Peralva (1997),

o temor suscitado pelo jovem, o sentimento de insegurança a ele frequentemente associado no imaginário adulto, constituem a outra face dessa moeda. Já não se trata aí do jovem cujo desvio é necessário prevenir ou mesmo punir, mas daquele que ameaça o adulto indefeso, encarnando tudo aquilo que, em sua vida, este já não consegue controlar (Peralva, 1997, p.19).

Mas para quem tem deficiência visual passar por essa fase é mais desafiador porque é quando as pessoas buscam mais independência e autonomia, e nem sempre a sociedade proporciona para esses jovens condições de desenvolverem essa independência e autonomia. Portanto, quem tem deficiência visual precisa de meios para que possa desenvolver a sua própria independência de acordo com as suas limitações. Não podemos confundir isso com paternalismo ou assistencialismo. Essa mentalidade leva a uma visão capacitista, ou seja, de que essa pessoa é incapaz de estudar, de se relacionar com os demais, de trabalhar e de constituir família. Nesta perspectiva, desde cedo a pessoa com deficiência deve ser incentivada e integrada a uma vida social ativa (Lima; Fernandes, 2012).

5. Quais são as oportunidades educacionais para os jovens com deficiência visual?

A área educacional é bem relevante para se fazer uma análise e discussão. Buscando na literatura pesquisada, quem mais explorou a temática da trajetória educacional de jovens com deficiência visual foi Pereira (2018). O objetivo geral da pesquisa realizada pela autora foi compreender a trajetória de estudantes com deficiência visual no ensino médio, os sentidos e vivências da juventude e os projetos de futuro. Nesta seção vamos discutir o que foi encontrado sobre as experiências escolares dos jovens e adolescentes com deficiência visual.

O sistema educacional do Distrito Federal é visto pelos estudantes entrevistados na pesquisa de Pereira (2018) como mais adequado, em relação à inclusão escolar destes alunos, se comparado com outros locais do Brasil em que eles tiveram experiência escolar, como por exemplo, Bahia e Goiás. Apesar desse dado, dificuldades com relação às “disciplinas novas” no ensino fundamental II foram mencionadas pelos jovens. Vários já passaram, antes de estudarem no Distrito Federal, por situações difíceis, como por exemplo, na realização de trabalhos em grupo, dificuldades com amizades, em aulas de educação física, entre outras situações. Os desafios no ambiente escolar mais citados pelos jovens foram a questão de a sala de aula possuir muitos alunos ou então precisar aprender de uma forma diferente dos colegas; a dificuldade nas aulas em que o professor usa slide e que quem tem deficiência visual precisar “se virar” para descobrir o que está escrito; a dificuldade em andar pela escola devido ao tamanho do espaço a ser percorrido ou então falta de acessibilidade vivida em outras escolas. Quanto ao Atendimento Educacional Especializado oferecido nas escolas atuais dos jovens entrevistados, todos enfatizam a sua importância, principalmente da sala de recursos (seja nas avaliações, trabalhos escolares, tarefas de casa, produção de material, explicação do conteúdo).

Podemos concluir, diante do que foi apresentado por Pereira (2018) que os estudantes com deficiência visual estão satisfeitos com as condições de ensino-aprendizagem oferecidas pelas escolas do Distrito Federal e que suas principais queixas se referem a experiências que tiveram em instituições educacionais onde estudaram anteriormente.

Amiralian (2011) apresentou em sua pesquisa uma adolescente de 13 anos, com baixa visão, que se recusa a utilizar qualquer recurso para melhorar sua capacidade visual. A adolescente entrevistada pela autora também não gosta de usar cadernos com linhas aumentadas ou qualquer outro recurso que lembre a existência de sua deficiência visual. Se recusa a frequentar a sala de recursos porque acha a telulupa difícil de ser usada e horrorosa esteticamente. O adolescente sente-se muito mal em ser diferente, e, necessita ser o mais semelhante possível aos demais do grupo ao qual pertence. Provavelmente esta adolescente se refere a um tipo de telulupa que se caracteriza como uma armação de óculos com duas lupas acopladas que servem para a estimulação e o aumento do alcance visual do usuário de forma exponencial. Além de não serem bonitas, essas lupas também são pesadas ao se colocar no rosto. Provavelmente esse foi o motivo para ela afirmar que a telulupa é horrorosa e difícil de se usar. Esta jovem entrevistada, embora tenha oportunidade de melhorar a qualidade de seus estudos por meio da utilização da telulupa ou de um caderno com linhas aumentadas, nos dá a entender que se recusa por não querer ser diferente dos demais colegas.

6. Quais são os sonhos e projetos dos jovens com deficiência visual?

A respeito deste tema, Pereira (2018) apresenta em seu estudo que após a conclusão do ensino médio, alguns jovens disseram querer cursar ensino superior (principalmente em instituição pública); outros prestar concurso público de nível médio; alguns mencionaram pretender conciliar trabalho e estudo e outros querem

trabalhar por conta própria, em áreas ligadas à música. Há quem deseje ser reconhecido no futebol; trabalhar com música de forma autônoma; ter sucesso; fazer faculdade a fim de garantir um futuro melhor, vendo no estudo uma forma “garantida” de futuro; ter independência; viajar; ter alguém ao seu lado, construir família. Há quem queira continuar morando com a mãe e talvez ter filhos.

Pelo fato de estes jovens entrevistados residirem no Distrito Federal, pode-se explicar o fato de muitos deles optarem por prestarem concursos públicos para ocuparem cargos de nível médio e também prosseguirem seus estudos realizando um curso superior, preferencialmente em instituição pública de ensino. No Distrito Federal, os estudantes, em geral, são estimulados a prestarem concursos públicos ou prosseguirem seus estudos em cursos universitários pelo fato de haver muitos certames na região. Brasília tem fama de ser a capital dos concursos públicos. Esse estímulo pode partir da família ou da escola. Alguns deles disseram que possuem como projeto futuro ter independência; viajar; ter alguém ao seu lado, construir família; continuar morando com a mãe e talvez ter filhos.

Existem projetos de vida onde há um foco, um objetivo muito claro; e há outros que se relacionam com modelos de projetos que Alves e Dayrell (2015) chamam de hipomaníacos. Caracterizam-se pelo excesso de otimismo, euforia, projeções excessivas para o futuro. Enfim, são desejos imprecisos, discursos vazios, caminhos sem rotas previamente estabelecidas. Quem tem esse tipo de projeto de vida com, por exemplo, uma variação muito grande de profissões que não têm relação entre si quer tudo e manifesta esses desejos sem pensar muito nas estratégias para alcançá-los.

Alves e Dayrell (2015) alertam para o fato de que falar em projetos de vida não se limita a falar sobre profissões. Afinal, a vida não se resume a trabalho apenas. Falar em projetos de vida é mais amplo, e significa, além da vida profissional, refletir sobre outras dimensões da condição humana, tais como as escolhas afetivas, os projetos coletivos e as orientações subjetivas da vida individual.

7. Método

Esta pesquisa refere-se a um estudo de natureza qualitativa, orientado por uma revisão bibliográfica. Foram utilizados como bases de dados o Google Acadêmico, a Scielo, ERIC - Educational Resources Information Centre, Web of Science e Scopus. Em todas as bases de dados consultadas foram utilizadas as expressões “jovens com deficiência visual”, “juventude com deficiência visual”, “jovens deficiência visual” e “juventude deficiência visual” como busca por estudos na literatura especializada. Na pesquisa realizada no Google Acadêmico retornaram cinco resultados bastante relevantes, os quais foram utilizados como referencial teórico para este artigo. Foram usadas as mesmas expressões na base de dados Scielo, ERIC - *Educational Resources Information Centre*, *Web of Science* e *Scopus*. No entanto, em nenhuma destas bases de dados não retornou nenhum resultado (seja por inabilidade na hora de se fazer a pesquisa, seja pela falta de estudos sobre a juventude com deficiência visual publicados nestes periódicos). A razão pela qual essas expressões foram escolhidas deve-se ao fato de que o objetivo do trabalho que serviu de inspiração para este artigo era abordar

necessariamente a respeito de algum aspecto sobre a juventude, pois a disciplina cursada no mestrado se denominava Juventude, Trabalho e Escola. Dessa forma, o tema da juventude com deficiência visual acabou sendo escolhido por ter a ver com o tema de pesquisa de dissertação da autora e com a história de vida da mesma.

Portanto, como critérios de inclusão da literatura escolhida foram utilizados artigos científicos e monografia de conclusão de curso que abordassem necessariamente a respeito de comportamentos de pessoas entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos com deficiência visual, faixa etária considerada jovem de acordo com a Lei nº 12.852/2013 (Estatuto da Juventude). Textos que apresentassem em seu título as expressões “jovens/juventude/adolescentes com deficiência visual” foram escolhidos para serem lidos os resumos e analisados como candidatos ou não a uma leitura mais aprofundada para conterem o referencial teórico. A presença de aspectos como identidades, interações sociais, oportunidades educacionais, sonhos e projetos de vida de jovens com deficiência visual foram fundamentais também para avaliar os textos que foram ou não escolhidos, pois esses temas foram estudados durante a disciplina cursada no mestrado e que deu origem a este artigo. Dessa maneira, textos científicos que não abordassem esses temas expostos em nosso estudo foram descartados, considerados para critérios de exclusão do referencial teórico.

Do ponto de vista bibliográfico, o estudo procurou apresentar elementos que contribuíssem com a reflexão sobre a vida dos jovens com deficiência visual e a relevância do tema para o debate educacional comprometido com o fortalecimento da dimensão democrática da educação e da sociedade. Além disso, o estudo trouxe algumas contribuições da literatura acerca de pesquisas sobre jovens com deficiência visual.

Na sua organização, como apresentado anteriormente, foram definidas as seguintes categorias de análise: o que dizem as pesquisas sobre a(s) juventude(s) com deficiência visual?; Como os jovens com deficiência visual constroem suas identidades?; Como os jovens com deficiência visual interagem entre si e com outras pessoas e/ou grupos?; Quais são as oportunidades educacionais para os jovens com deficiência visual?; Quais são os sonhos e projetos dos jovens com deficiência visual?

8. Resultados e discussão

A literatura consultada, sobretudo as pesquisas de Amiralian (2011); Lima e Fernandes (2012) e Pereira (2018), mostrou como resultado que, para quem tem deficiência visual, construir sua identidade como jovem é uma dificuldade a mais, em comparação com quem não tem deficiência. Essa construção necessariamente passa pela constatação e aceitação de sua perda física e dos ônus que ela acarreta. Tornar-se independente da família implica assumir-se diante dos outros como alguém com deficiência. Mas como assumir e aceitar essa deficiência visual em um mundo de pessoas videntes? Outra questão fundamental parece ser o de pertencimento. Perguntas como: “Com quem posso me identificar?” “Qual é o meu grupo?” “Quem são os meus iguais?” são frequentemente feitas por esses jovens com deficiência visual. Todos precisam ter um clube, saber a que grupo pertencem, e quem são seus iguais.

Os sentimentos de isolamento e solidão, embora próprios da adolescência, são agravados na vida de adolescentes com deficiência visual por uma questão de auto aceitação. Os jovens sentem que suas relações com o outro estão sempre marcadas pela diferença. O uso de telelupas, a necessidade de ajuda para atravessar uma rua e de estar muitas vezes submetendo-se aos outros faz com que eles se sintam excluídos e, muito frequentemente, inferiores aos seus semelhantes. A questão da sexualidade ocorre em alguns casos de forma inibida, infantil e fantasiosa, com soluções mágicas ou nos dizendo da dificuldade em encontrar um parceiro. Talvez seja por essa razão que, muitas vezes, vemos que o parceiro escolhido pelas pessoas com deficiência visual é, também, pessoa que apresenta a mesma condição (Amiralian, 2011).

Mesmo apresentando números relevantes de indivíduos com algum tipo de deficiência no Brasil, muitas pessoas ainda sofrem exclusão, preconceitos e rejeição da sociedade. Apesar de, nos últimos anos, as pessoas com deficiência terem conquistado avanços significativos, ganhando cada vez mais destaque social, muita coisa ainda precisa ser feita para que estas pessoas não fiquem à margem da sociedade e não se sintam discriminadas e excluídas. A peça chave está na sensibilidade de reconhecermos que somos todos iguais e diferentes ao mesmo tempo. Iguais perante a lei e diferentes enquanto pessoas. E é essa diferença que precisa ser respeitada por todos, pois independentemente de possuímos uma deficiência ou não, temos direito de ter uma vida social ativa e plena e de exercermos a nossa cidadania (Lima e Fernandes, 2012).

9. Conclusões

O tema da(s) juventude(s) com deficiência é bastante amplo. Neste artigo foi apresentada uma parte da realidade de quem possui deficiência visual. A pouca quantidade de literatura encontrada, que aborda essa temática revela a necessidade de mais trabalhos abordando o assunto. Na disciplina Juventude, Trabalho e Escola que compõe o rol de disciplinas eletivas no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) seria muito relevante a discussão dessa temática, além do restante dos ambientes acadêmicos de nosso país. Estudos em maior quantidade a respeito de comportamentos da juventude com deficiência visual abordando a construção das identidades, interação social, oportunidades educacionais e projetos de vida desses jovens contribuiriam muito para haver uma compreensão maior de como essa questão ocorre no Brasil, país de dimensões continentais, pois nem sempre as experiências da juventude com deficiência visual serão as mesmas nas cinco regiões do país. Afinal, os cinco textos escolhidos sobre jovens/adolescentes com deficiência visual para comporem o referencial teórico deste trabalho não são de autores representando um estado de cada região do Brasil: três deles foram publicados em São Paulo, um em Brasília e um em Sergipe.

Da mesma forma, seria igualmente importante e interessante haver estudos e discussões a respeito de quem tem outras deficiências. Afinal, as necessidades específicas de quem tem deficiência visual são diferentes de quem possui outros tipos de deficiências. E, se desejamos viver em uma sociedade verdadeiramente inclusiva, é necessário dar voz aos diferentes grupos de jovens com deficiência.

Referências

- ALVES, Maria Zenaide; DAYRELL, Juarez. Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. **Educação e Pesquisa**, v. 41, p. 375-390, 2015.
- AMIRALIAN, Maria Lucia Toledo Moraes. Adolescência e deficiência visual: dificuldades e cuidados necessários. **Winnicott e-prints**, São Paulo , v. 6, n. 2, p. 16-33, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2011000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 jul. 2024.
- BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. **Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm. Acesso em: 17 dez. 2024.
- DAYRELL, J. T. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40- 52, set-dez, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04>. Acesso em: 01 jun. 2024.
- FREITAS, Rayanne Rodrigues de et al. Percepções sobre a melhoria da qualidade de vida de participantes de um projeto de extensão para pessoas com baixa visão e cegueira durante a pandemia. **Contribuciones a las ciencias sociales**, v. 16, n. 11, p. 26487-26503, 2023.
- FURLANI, Daniela Dias; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, p. 50-59, 2010.
- GUIMARÃES, Maria Tereza Canezin. Jovens e ações públicas: Espaços Educativos de Formação. **Movimentos Sociais e Educação**, n. 3, UCG/UFG, Goiânia, GO.
- INTERDONATO, Giovanna Carla; GREGUOL, Márcia. Auto-análise da imagem corporal de adolescentes com deficiência visual sedentários e fisicamente ativos. **Conexões**, Campinas, SP, v. 7, n. 3, p. 1-13, 2009. DOI: 10.20396/conex.v7i3.8637764. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637764>. Acesso em: 7 jul. 2024.
- LIMA, Mara Rúbia Guimarães; FERNANDES, Priscila Dantas. Deficiência visual: obstáculos e possibilidades de inclusão social. VI Colóquio Internacional: educação e contemporaneidade. **Anais...** São Cristóvão-SE/Brasil. Setembro, 2012.
- MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. Educação. **Revista do Centro de Educação**, vol. 36, núm. 1. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2011, p. 43- 56.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, número especial: Juventude e Contemporaneidade, n. 5-6, p. 15-24, maio-dez. 1997. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000939291>. Acesso em: 1 jun. 2024.

PEREIRA, Cleonara dos Santos. **Jovens com deficiência visual**: trajetórias de vida e escolar, sonhos e projetos futuros. Brasília: UmB, 2018. 108 p. Monografia (Licenciatura em Pedagogia): Universidade de Brasília, 2018.

PRATES, Daniela Medeiros de Azevedo; GARBIN, Elisabete Maria. Juventude(s): reabrindo questões. **Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**, v. 7, p. 1-12, 2014.

QUADROS, Marta Campos de. **Sempre ligados!**: estilos de vida, práticas culturais e identidades juvenis urbanas contemporâneas. – 36ª Reunião Nacional da ANPED – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO.

SANTOS, Anderson de Souza; GONÇALVES, Daniele Lorenço. Juventude indígena: encontro da juventude terena. **Movimentação**, v. 4, n. 06, p. 71-82, 2017.

SANTOS, Rummeling Marinho dos; RODRIGUES, Janine Marta Coelho. Capacitismo no contexto da luta por reconhecimento das pessoas com deficiência visual. **Revista Signos**, Lajeado, ano 44, n. 1, p. 113-126, 2023.